TEMENTE A DEUS?

Aldemario Araujo Castro
Advogado
Mestre em Direito
Procurador da Fazenda Nacional
Brasília, 19 de setembro de 2026

Recentemente, ouvi mais uma vez uma expressão que sempre me inquietou. A frase é a seguinte:

> “Sou temente a Deus”.

A expressão pode ser compreendida em dois sentidos significativamente distintos:

> a) medo, ou mesmo pavor, de um castigo divino;
>
> b) reconhecimento da absoluta grandeza de Deus e da consequente limitação dos seres humanos.

A primeira acepção tem relação direta com uma grande quantidade de supostas ações divinas descritas no Antigo Testamento. Eis algumas bem conhecidas:

> a) o dilúvio universal (Gênesis 6–8). Nesse episódio, quase toda a humanidade e a vida terrestre foram exterminadas;

b) a destruição de Sodoma e Gomorra (Gênesis 19). Com chuvas de fogo e enxofre foram completamente aniquiladas as cidades, seus habitantes e toda a vegetação ao redor;

c) a morte dos primogênitos no Egito (Êxodo 11–12). Na décima praga enviada para forçar a libertação dos hebreus, Deus tira a vida de todos os primeiros filhos masculinos das famílias egípcias;

d) o afogamento do Exército Egípcio (Êxodo 14). Depois de abrir o Mar Vermelho para a travessia dos israelitas, Deus faz as águas retornarem sobre os soldados egípcios, que morrem afogados;

e) o massacre após a confecção do Bezerro de Ouro (Êxodo 32). Em função da adoração de uma estátua de ouro na forma de um bezerro, Moisés ordenou, sob comando divino expresso, que os levitas matassem seus próprios irmãos, amigos e vizinhos. O texto bíblico chega a mencionar o número de mortes produzidas: cerca de três mil pessoas (Êxodo 32:28);

f) a morte de Nadabe e Abiú (Levítico 10). Os filhos do sacerdote Arão ofereceram "fogo profano" (não autorizado) no altar. Então, “saiu fogo da presença do Senhor e os consumiu”. A afirmação bíblica logo depois é a seguinte: “morreram perante o Senhor” (Levítico 10:2);

g) a revolta de Coré (Números 16). Quando Coré e seus seguidores se insurgiram contra a liderança de Moisés e Arão, a terra se abriu e engoliu os rebeldes com suas famílias e bens (Números 16:31-33). Ademais, o fogo

> divino consumiu “os duzentos e cinquenta homens que ofereciam incenso” (Números 16:35);
>
> h) a praga das serpentes (Números 21). As queixas do povo acerca do deserto, comida e água foram ouvidas e “respondidas” por Deus. Ele “enviou serpentes venenosas que morderam o povo, e muitos morreram” (Números 21:6);
>
> i) a ordem de extermínio dos amalequitas (1 Samuel 15). Deus ordenou ao rei Saul que destruísse totalmente o povo de Amaleque. A determinação foi expressa e específica: “Não os poupem; matem homens, mulheres, crianças, recém-nascidos, bois, ovelhas, camelos e jumentos” (1 Samuel 15:3);
>
> j) a aniquilação do exército assírio (2 Reis 19). Para proteger Jerusalém do cerco do rei Senaqueribe, Deus utilizou violência extrema. “Naquela noite o anjo do Senhor saiu e matou cento e oitenta e cinco mil homens no acampamento assírio. Quando o povo se levantou na manhã seguinte, o lugar estava repleto de cadáveres!” (2 Reis 19:35).

Em certa medida, o Antigo Testamento retrata um banho de sangue. E pior, um banho de sangue aparentemente produzido ou ordenado diretamente por Deus em inúmeras ocasiões.

Não custa lembrar que o Antigo Testamento (e a Bíblia como um todo) é uma obra que reúne escritos produzidos por dezenas de homens distintos em circunstâncias históricas e contextos sociais específicos e que está voltada para a realização de certos interesses mundanos.

Percebe-se, sem maiores dificuldades, que inúmeras tradições religiosas institucionalizadas transformaram indevidamente o Deus incompreensível e infinito em um ser compreensível, previsível e controlável, na melhor (ou pior) tradição humana.

Ao antropomorfizar (humanizar) o divino, criamos uma ponte para nos relacionarmos melhor com ele, mas também o aprisionamos às nossas próprias limitações. É um paradoxo interessante. Buscamos o divino para transcender nossa finita humanidade, mas terminamos por trazê-lo indevidamente para o nosso nível, com todas as nossas imperfeições.

Ademais, o Deus de morte, destruição e violência é totalmente incompatível com a revolucionária mensagem de amor transmitida por Jesus. Para compreender as virtudes do “Reino de Deus” anunciadas pelo Mestre, diametralmente opostas aos nefastos atributos do Senhor do Antigo Testamento, basta uma simples consulta ao Sermão da Montanha (Mateus 5-7).

Portanto, só cabe a segunda acepção antes destacada. Temer a Deus deve ser compreendido como o reconhecimento da infinita grandeza divina.

Entretanto, para evitar confusões ou o caminho indevido da primeira acepção referida (medo de Deus), basta seguir a lição de Jesus: “Ame o Senhor, o seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma e de todo o seu entendimento” (Mateus 22:37).

Deus deve ser amado. Deus quer ser amado, assim como ama infinitamente. Foi exatamente para multiplicar exponencialmente o amor que o Ser Supremo criou o mundo e todos os espíritos que nele habitam.

> “Quando uma lamparina é acesa a partir de outra, passa a haver duas onde havia uma só. A primeira não parou de emitir luz. Vocês podem acender um milhão de

> lamparinas de uma única, mas, ainda assim, a primeira não sofrerá nada. O amor também é assim. Partilhem o amor com um milhão. Ele ainda será tão brilhante como quando estava só" (Bhagavan Sri Sathya Sai Baba).